



A Respeito da Violência

Concerning Violence

Nove Cenas da Auto-Defesa Anti-Imperialista

Um filme de
Göran Hugo Olsson

Baseado no livro
Os Condenados da Terra
de Frantz Fanon

Narrado por
Ms. Lauryn Hill

Prefácio de
Gayatri Chakravorty Spivak



RESUMO

Do realizador de BLACK POWER 1967-1975, chega-nos uma narrativa visual ousada e nova de África, baseada em material de arquivo recentemente descoberto que abrange a luta de libertação do domínio colonial, no final dos anos 1960 e nos anos 1970, acompanhado por excertos de Os Condenados da Terra, de Frantz Fanon.

SINOPSE

A RESPEITO DA VIOLÊNCIA é, simultaneamente, um documentário baseado em material de arquivo que abrange os momentos mais ousados da luta de libertação no Terceiro Mundo e uma exploração dos mecanismos de descolonização através de excertos de Os Condenados da Terra, de Frantz Fanon. O livro de referência de Fanon, escrito há mais de 50 anos, continua a ser um instrumento essencial para compreender e esclarecer o neocolonialismo que se verifica hoje em dia, bem como a violência e as reacções contra este.

Em plena Guerra Fria, realizadores radicais suecos procuraram captar em primeira mão os movimentos de libertação anti-imperialistas em África. Com as suas gravações em 16mm, encontradas nos arquivos da televisão sueca, o realizador Göran Hugo Olsson serve-se da sua experiência na feitura de BLACK POWER 1967-1975 (2011), para criar uma narrativa visual a partir de África – imagens da busca de liberdade, da Guerra Fria e da Suécia. Os realizadores suecos, com o seu espírito de solidariedade com as lutas anti-imperiais e socialistas em todo o mundo na época, criaram imagens e histórias que ainda hoje ecoam e podem alterar e aprofundar a nossa impressão do mundo globalizado em que vivemos.

As pessoas captadas por esses realizadores lutaram com a vida pela sua liberdade e pela de outros. O material de arquivo único inclui uma incursão nocturna com o MPLA em Angola e entrevistas a guerrilheiros da FRELIMO em Moçambique, bem como a Thomas Sankara, Amílcar Cabral e outros revolucionários africanos. As imagens são fantásticas: filmes definidos, nítidos e únicos que transmitem o sentimento de urgência e dedicação que se encontrava no âmago dos movimentos de descolonização.





“Libertação nacional, renascimento nacional, restituição de nacionalidade ao povo: quaisquer que sejam os cabeçalhos usados ou as novas fórmulas introduzidas, a descolonização é sempre um fenómeno violento.”

Recorrendo a imagens, entrevistas e uma voz que narra e guia os espectadores através do material com as palavras de Frantz Fanon, A RESPEITO DA VIOLÊNCIA conta a história das pessoas e das ideias por trás de uma das lutas mais urgentes pela liberdade e mudança do século XX. A organização do filme em nove capítulos relaciona ideias bastante abstractas com imagens concretas e pessoas reais que personificam e transportam a história.

Criando uma forma única na sua mistura de ensaio cinematográfico e documentário de material de arquivo, A RESPEITO DA VIOLÊNCIA reintroduz a visão humanista e pós-colonial de Fanon através de uma viagem cinematográfica que nos coloca cara a cara com as pessoas para as quais os escritos de Fanon sobre a descolonização não eram apenas retórica mas uma realidade.

Ao complexificar o texto de Fanon com material de arquivo, design gráfico e música com um tom contemporâneo, o realizador Göran Hugo Olsson oferece a uma nova geração de espectadores um reexaminar da maquinaria do colonialismo que está na raiz de muita da violência que vemos irromper no mundo actualmente.

SOBRE O REALIZADOR

Göran Hugo Olsson nasceu em 1965, em Lund, na Suécia. Formou-se na Real Academia de Belas Artes, em Estocolmo, e é um dos mais destacados realizadores suecos a nível internacional. É documentarista, director de fotografia e inventor (a A-Cam, uma câmara de Super 16mm). Foi o editor e co-fundador do programa de televisão de curtas-metragens documentais IKON (SVT). O seu filme anterior, BLACK POWER 1967-1975 (2011) transformou-se num enorme sucesso em festivais, cinemas e transmissões televisivas no mundo inteiro. Desde 1999, Olsson é membro do conselho editorial da Ikon South Africa – uma plataforma para o documentário de criação na África do Sul por realizadores dos municípios negros, em cooperação com a emissora nacional sul-africana SABC.



NOTA DO REALIZADOR

“Há três anos, o meu filme BLACK POWER 1967-1975 estreou num festival, numa estância de esqui, em Utah. Desde então, fiz centenas de sessões de perguntas e respostas e cerca de 500 entrevistas, viajei 200 dias e dormi 27 noites em aviões. BLACK POWER 1967-1975 teve estreia comercial em 18 países e 42 cidades nos EUA. Participei numa série interminável de festivais de cinema, tendo conhecido milhares de pessoas numa discussão em torno de imagens do passado e da importância desse período para a situação actual, sobretudo no norte de África, após os acontecimentos da Primavera Árabe.

Uma questão que me colocam recorrentemente é porque é que o BLACK POWER acaba em 1975. A resposta deve-se, em parte, ao facto de os suecos terem direccionado a sua atenção para outro lado, em meados dos anos 1970. E isso deve-se, em parte, à luta de libertação em África e à luta contra o apartheid na África do Sul. Aproximadamente a partir de 1975 e até à queda do sistema de apartheid no início dos anos 1990, os realizadores e jornalistas suecos viajaram pelo continente africano e fizeram gravações notáveis. Queríamos usar isso por duas razões. Primeiro, isso é demasiado bom para estar depositado na cave dos cofres da televisão sueca. Esses filmes desempenham um papel importante na compreensão da nossa história. Em segundo lugar, o material encerra em si uma beleza e sabedoria cinematográficas que fazem sentido hoje. É difícil de explicar mas parece que, se se viajar para muito longe com uma câmara de 16mm pesada, tem-se a certeza de fazer boas gravações. Para mim, era importante que o meu próximo filme tivesse as mesmas qualidades do BLACK POWER: uma abertura e simplicidade que permite ao espectador compreender questões complexas de forma actual e apelativa. Acho que aprendi muito sobre como fazer um filme – e especialmente um filme baseado em material de arquivo – e ir ao encontro do público. Um dos elementos é que devia ser sobre o próprio material e ser claro nesse aspecto, sem ser um filme puramente auto-reflexivo. Em A RESPEITO DA VIOLÊNCIA, queremos dar um passo em frente no trabalho com material de arquivo.

A posição única da Suécia, sendo oficialmente neutra, mas também apoiando materialmente o ANC, permitiu que realizadores e jornalistas criassem imagens únicas e deslumbrantes desta altura decisiva da história. Quando se vê estes filmes hoje, fica-se chocado com o quão parciais eram e com a maneira como os realizadores estavam totalmente perdidos nas suas opiniões políticas. A utilização de material de arquivo mais antigo revela perspectivas e preconceitos que são evidentes, permitindo aos espectadores ver para além deles. Precisamente por o material ser de um período anterior, abre discussões provocadoras sobre questões actuais sem enfiar toda a gente. Os filmes do Arquivo Sueco podem ter feito parte de uma perspectiva paternalista na altura mas, trinta anos mais tarde, achamos que revelam algo de importante sobre essa época a europeus, americanos e africanos – bem como a outros por todo o mundo que estiveram em qualquer um dos lados da colonização ou que a estão a viver agora.

Enquanto europeus, preocupamo-nos enormemente com fazer um filme sobre o que acontece às pessoas que vivem na África Subsaariana. Mesmo tentar fazer filmes sobre África pode ser um exercício imperialista e paternalista: a descrição actual dos meios de comunicação europeus das vidas de centenas de milhões de pessoas, na região económica de crescimento mais acelerado do mundo, é sintomática disso mesmo. A abordagem do nosso projecto é diferente. O que é único nas imagens de arquivo presentes em A RESPEITO DA VIOLÊNCIA é a forma como mostram esse período crucial de uma forma nova que esperamos que esclareça o quão tantas pessoas se dedicaram à luta pela liberdade. E como esse trabalho tem de e irá continuar. Este filme, contado num estilo cinematográfico que permite às pessoas pensarem por si mesmas, tem um objectivo: motivar as pessoas a trabalhar em prol da libertação.



REVISTA DE IMPRENSA

A RESPEITO DA VIOLÊNCIA

CRÍTICA DE BERLIM – SCREENDAILY – Mark Adams

Documentário poderoso, esclarecedor e visualmente cativante, que oferece uma perspectiva nova das lutas de libertação africanas dos anos 1960 e 70, o impressionante A RESPEITO DA VIOLÊNCIA, de Göran Hugo Olsson, proporciona um visionamento compulsivo e, por vezes, perturbador ao abordar o domínio colonial de frente, beneficiando da narração notável da cantora Lauryn Hill de excertos – que também surgem no ecrã – do texto anticolonial do psicólogo/filósofo Frantz Fanon Os condenados da Terra.

Este filme inteligente e provocador tece habilmente material de arquivo num tratado, por vezes, cáustico sobre o impacto terrível do colonialismo, tendo no seu cerne a teoria de Fanon de que a violência do colonialismo só será derrotada por uma violência maior.

O realizador Göran Hugo Olsson regressa a Sundance após BLACK POWER 1967-1975, que passou na Competição Internacional (Documentário) em 2011, com um filme produzido e estruturado de forma impressionante, que irá ao encontro dos públicos inteligentes e das distribuidoras de filmes artísticos, sendo que as vendas a televisões serão provavelmente também consideráveis.

Tal como o título completo – A RESPEITO DA VIOLÊNCIA: NOVE CENAS DA AUTO-DEFESA ANTI-IMPERIALISTA – sugere, o filme estrutura-se em nove capítulos, abarcando uma série de lutas coloniais diferentes em África, algumas mais brutais e sangrentas do que outras, mas todas ligadas pela prosa inteligente e o apelo à aceitação de uma sociedade mais criativa e humana por parte de Fanon.

Os segmentos – frequentemente retirados de material de televisões escandinavas que financiam o filme – incluem muito material de uma mina sueca na Libéria, onde uma greve de mineiros leva a que os trabalhadores sejam expulsos de casa pelo exército, uma imagem chocante de um mulher jovem com o braço amputado a dar de comer ao seu bebé, o qual, por sua vez, tem uma perna amputada, um casal sueco a fazer trabalho missionário na Tanzânia, empenhado em construir uma igreja antes de uma escola, um ataque nocturno a uma base portuguesa em Angola, agricultores bombásticos na antiga Rodésia (actual Zimbabué) a falar da sua vida e uma entrevista ao presidente Mugabe, do Zimbabué, bastante novo.

As citações de Fanon – que lutou na Segunda Guerra Mundial e, mais tarde, na Argélia, contra a potência colonial – desfilam no ecrã, enquanto Lauryn Hill lê, o que ajuda a reforçar o poder das suas palavras. A sua linguagem é lúcida, zangada e poderosa e é a cola que une o filme de forma impressionante. Habilmente montado, o filme também beneficia de uma banda sonora surpreendentemente jazzística que ajuda as imagens a passar com uma facilidade sombria.





“Um documentário duro e cerebral mas que acaba por ser esclarecedor acerca da descolonização de África.”

Hollywood Reporter

“O som vibrante e ecoante de uma trombeta – que se repete ao longo do filme – e alguma carnificina política sem contemplações identificam A RESPEITO DA VIOLÊNCIA por aquilo que é: um apelo às armas espinhoso e apaixonado.”

Time Out New York

“Este documentário, montagem de material de arquivo originário da televisão sueca, oferece um testemunho denso e espantoso sobre as guerras de descolonização em África.”

Le Monde

“O exemplo dos escritos de Fanon, que se manteve sempre cuidadosamente afastado da armadilha da profecia, o filme produz uma multiplicidade de ecos de uma actualidade incendiária.”

Libération

2014 | Cor e PB | 85 min. | Suécia, EUA, Dinamarca, Finlândia
Distribuído por Alambique | Informações em www.alambique.pt

